



19º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica



Trabalhos Científicos

Título: Recusa Vacinal Avaliada Numa Escola De Medicina – Causas E Consequências

Autores: AMANDA HAYASHIDA MIZUTA; FABIANE ESPER KALLAS BORGES; VICTOR MONTALLI; REGINA CÉLIA SUCCI; GUILHERME DE MENEZES SUCCI

Resumo: Objetivos: Conhecer o que pensam alunos e médicos sobre a recusa à vacinação em uma faculdade de medicina, discutindo as implicações éticas e para a saúde no contexto individual e coletivo. Metodologia: Para obter o objetivo proposto, foram aplicados questionários contendo questões abertas e fechadas sobre importância das vacinas, recusa vacinal e suas repercussões sobre a saúde pública e individual, além de aspectos éticos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética institucional e os sujeitos da pesquisa assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. Resultados: Participaram do estudo 30 médicos (média de idade 46,9 anos) e 53 alunos de medicina (1ª a 4ª séries, média de idade 22,8 anos). 93,3% dos médicos e 100% dos alunos referiram possuir carteira de vacinas. As vacinas influenza, hepatite B e dupla adulto (difteria e tétano) foram as últimas vacinas recebidas em ambos grupos. A vacina influenza 2015 não foi recebida por 47,8% dos alunos e 20% dos médicos e a principal razão apontada para isso foi não reconhecer a necessidade do procedimento e perda de prazo. Apesar de ambos os grupos reconhecerem que o Programa Nacional de Vacinas brasileiro é confiável e que os benefícios das vacinas superam os possíveis eventos adversos, a maioria dos alunos (64,2%) e quase a metade dos médicos (43,3%) acreditam que o calendário atual de vacinação brasileiro protege apenas contra sete doenças infecciosas. Um número significativo dos alunos (34%) desconhece a importância da imunidade de rebanho e mais da metade deles (52,8%) acredita que receber várias vacinas no mesmo dia pode determinar prejuízo da resposta vacinal. Uma proporção significativa de médicos (40%) e alunos (45,3%) não reconhece a possibilidade de perda do poder familiar e crime de abandono determinado no ECA para crianças que adoecem em consequência da recusa vacinal dos pais. Alunos e médicos referem conhecer pessoas que se recusam a receber vacinas ou vacinar seus filhos (54,7% e 43,4% para alunos e 56,7% e 36,7% para médicos). As condutas possíveis frente a pacientes que se recusam a receber vacinas ou vacinar seus filhos foi conflitante entre médicos e alunos. Embora 50% a 68% dos entrevistados apontem como possíveis causas do movimento antivacina os aspectos religiosos e filosóficos, mais de 90% deles julgam que o medo dos eventos adversos é a causa mais importante e mais de 40% deles acreditam que a presunção de que doenças infecciosas são pouco graves induz à recusa vacinal. 46% dos médicos referiram já ter atendido paciente que se recusa a receber vacinas. Surpreendente verificar que 11/53 alunos e 6/30 médicos julgam defensável sob o ponto de vista ético, jurídico ou social a ideia dos pais disporem, sem qualquer limite, da vida de seus filhos, decidindo sobre a aplicação de vacinas. Conclusão: o desconhecimento da importância e efetividade das vacinas, o temor dos possíveis eventos adversos, além do desconhecimento dos direitos das crianças pode influenciar a ação de alunos de medicina e médicos sobre a importância das vacinas na saúde individual e coletiva.